

ASSIMETRIAS NO CAPITALISMO CONTEMPORÂNEO: para uma crítica do atual processo de globalização

Fernando Augusto Mansor de Mattos¹

Comparando o cenário recente do Capitalismo Contemporâneo, marcado pelo “regime de acumulação predominantemente financeira” (Chesnais) do capital, ao cenário que fora delimitado pela configuração da ordem internacional dos Anos Dourados do Capitalismo (1945-1973), Chesnais destaca, no livro “A Mundialização do Capital”, já em seu primeiro capítulo, que o Capitalismo Contemporâneo é marcado por “um duplo movimento de polarização, pondo fim a uma tendência secular, que ia no sentido da integração e da convergência”.

O que pretendemos afirmar, neste trabalho apresentado na seção de Comunicações da SEP, é que dados recentes retirados dos compêndios dos organismos financeiros internacionais revelam que tais assimetrias têm sido produzidas, em última instância, pela polarização entre a riqueza financeira (que cresce, pelo menos desde os anos 80, a taxas maiores do que a forma produtiva de acumulação de capital) e a riqueza produtiva e pela polarização entre o país de mais alto posto na hierarquia monetário-financeira internacional (EUA) e os demais.

A conclusão a que se chega é a de que o processo de globalização tal qual vem se desenvolvendo sob o Capitalismo Contemporâneo é marcado pela geração de uma série de assimetrias e desigualdades. A ampliação das diferenças de renda entre países e da desigualdade de renda e de riqueza dentro da maior parte deles são fatos inegáveis. A acumulação do capital na forma do que Marx chamou de capital fictício tem crescido de forma mais expressiva do que a acumulação produtiva do capital, a qual, para ocorrer, tem de recorrer à exploração da força de trabalho. Dessa forma, os anos 1990 e o início do século XXI têm presenciado uma ampliação do volume de trabalhadores desempregados, e também um aumento da taxa de desemprego mundial. Tal fenômeno tem ocorrido, entretanto, de uma forma assimétrica entre os países. Esse aumento assimétrico da taxa de desemprego foi decisivo para ampliar a desigualdade mundial da renda.

Dessa forma - e dado que as chamadas reformas liberalizantes já estão em curso há pelo menos 25 anos na maior parte dos países -, entendemos que já possível fazer uma avaliação acerca dos resultados das políticas neoliberais, procurando interpretar se as “promessas” neoliberais se confirmaram minimamente. Nos anos mais recentes, os defensores da globalização e a literatura laudatória do processo de globalização chegaram a vincular as transformações da ordem financeira internacional a um caminho sem fim em direção à prosperidade, o qual, portanto, não deveria ser obstaculizado pela Política ou por quaisquer medidas que interferissem no “livre funcionamento dos mercados”. Ao contrário, os dados mais recentes revelam que a ampliação das desigualdades é que tem sido a marca do atual processo de globalização econômica. Essa desigualdade se manifesta em diversas formas. Postulamos aqui que têm sido ampliadas as diversas modalidades de assimetrias econômicas sob o Capitalismo Contemporâneo, de tal forma que têm sido reforçadas diversas formas regressivas de exploração da mão-de-obra, incluindo, por exemplo, em

¹ Professor e pesquisador do Centro de Economia Administração (CEA) da PUC de Campinas. Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da PUC de Campinas. Mestre e Doutor pelo Instituto de Economia (IE) da UNICAMP. **SÓCIO DA SEP.**

alguns casos – cada vez menos excepcionais –, a estratégia das empresas de recorrer à extração de mais-valia absoluta, em um contexto de regressão do poder de barganha dos sindicatos de trabalhadores e de supressão de Direitos Sociais conquistados pelos trabalhadores entre o final do século XIX e meados do século XX.

Além da ampliação das desigualdades de renda entre países e também dentro dos países, o Capitalismo Contemporâneo ainda revela as seguintes formas de manifestação de assimetrias: (a) deterioração crescente do perfil do gasto público na maior parte dos países, ou seja, aumento do peso relativo do gasto público destinado ao pagamento de juros aos rentistas proprietários de títulos das respectivas Dívidas Internas, ao lado de redução relativa ou até mesmo absoluta dos gastos sociais; (b) aumento do percentual de trabalhadores que realizam jornadas de trabalho maiores que as jornadas legais (expansão do volume de extração de mais-valia absoluta), ao mesmo tempo em que aumenta a parcela dos trabalhadores que, apesar de precisarem ter um trabalho regular e de terem disponibilidade para trabalhar mais horas por dia, realizam apenas jornada parcial de trabalho (essa situação configura um aumento da concentração do tempo livre, à medida que também tem aumentado o número de pessoas que vivem de rendimentos financeiros – ou seja, os rentistas); (c) ampliação do número de trabalhadores que têm mais de uma ocupação; (d) convivência, em mesmas sociedades (mesmo em países desenvolvidos), de pessoas que têm no consumo conspícuo e suntuário um meio de vida permanente, ao lado de pessoas famintas; (e) aumento da exclusão tecnológica em tempos de Terceira Revolução Industrial, etc.

A ruptura da “construção sócio-política” do período keynesiano fez com que a redução da desigualdade de oportunidades e de renda, que havia sido um símbolo da Era de Ouro do Capitalismo, deixasse de se fazer presente. O capitalismo “volta a ser” o que sempre foi: uma fantástica máquina de acumulação de capital (agora especialmente na sua vertente financeira) e de ampliação das desigualdades. A ampliação dessas desigualdades assume diversas facetas: entre países, dentro de diferentes regiões dos diferentes países e entre as classes sociais. Confirma-se, dessa forma, uma das principais profecias de Marx: a tendência, no longo prazo, de crescente polarização da riqueza capitalista.